

CONSERVAÇÃO PARTICIPATIVA NA PERSPECTIVA DA MUSEOLOGIA SOCIAL

ARTICIPATORY CONSERVATION FROM THE PERSPECTIVE OF SOCIAL MUSEOLOGY

Silmara Küster de Paula Carvalhoⁱ

Resumo: A presente reflexão discorre sobre alguns aspectos pertinentes da investigação Museologia Biófila: o Ponto de Memória da Estrutural, defendida pela autora deste artigo, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia em Lisboa, em 2020. Com base no arcabouço conceitual da Museologia Social e interfaces com outras áreas do conhecimento, a pesquisa preconiza a dialogia entre os participantes do processo, com grande propensão a estimular mudança de mentalidade. Apresenta exemplos de ações museais e seu alcance na comunidade participante sobre a conservação participativa. Nesse contexto, ao revisitar a tese, dá ênfase à importância da quebra de paradigmas na Conservação e na Museologia, defendendo, na perspectiva da transdisciplinaridade, a Museologia Social e a Conservação Participativa. Além disso, enfatiza que a realização da Museologia Social implica um o passo transdisciplinar pessoal, necessário para a sua compreensão. O texto perpassa a conjuntura social em que a pesquisa foi realizada, enfatizando a importância do protagonismo social nas ações museais e na vontade de memória, sem descurar do contexto da localidade.

Palavras-chave: Museologia; Museologia Social; Biofilia; Conservação Participativa; Ponto de Memória; Transdisciplinaridade.

Abstract: *This article discusses some pertinent aspects of the research project "Biophilic Museology: Ponto de Memória da Estrutural," defended by the author of this article at the Lusófona University of Humanities and Technology in Lisbon in 2020. Based on the conceptual framework of Social Museology and interfaces with other fields of knowledge, this research advocates dialogue among participants, demonstrating a strong tendency to stimulate a change in mindset. This article brings examples of museum initiatives and their impact on the participating community regarding participatory conservation. In this context, by revisiting the thesis, it emphasizes the importance of challenging existing paradigms in Conservation and Museology, defending Social Museology and Participatory Conservation from a transdisciplinary perspective. Furthermore, it emphasizes that the implementation of Social Museology implies a personal transdisciplinary effort, necessary for understanding it. The text explores the social context in which the research was conducted, emphasizing the importance of social protagonism in museum activities and the desire for memory, without disregarding the local context.*

Keywords: Museology; Social Museology; Biophilia; Participatory Conservation; Memory Point; Transdisciplinarity.

1. INTRODUÇÃO

Um dos desafios da Conservação e da Museologia é a quebra de paradigmas sobre a ação técnica e científica que circunscreve essas áreas do conhecimento. É evidente que a aplicação de técnicas museológicas e de conservação devem seguir padrões que garantam a preservação dos bens culturais. No entanto, inúmeras pesquisas e iniciativas museológicas sob a perspectiva da Museologia Social e da Conservação Participativa, demonstraram a importância de romper barreiras acadêmicas e ampliar o olhar sobre as várias possibilidades de atuação. Nesse âmbito, a extensão universitária conduzida pela UnB entre 2011 e 2015 demonstrou a importância de romper com um pensamento unidimensional e ressignificar o fazer museal, transcendendo-o de forma crítica e ampla junto a comunidades.

No início do projeto de extensão, foi extremamente difícil aplicar os conceitos da conservação em atividades relacionadas a acervos no Ponto de Memória da cidade Estrutural, localizada no Distrito Federal. Conforme Carvalho (2020), o início da formação da cidade ocorreu em 1960, quando trinta famílias se abrigaram próximo ao lixão do DF, em busca de um meio de subsistência. Somente em 2004, o Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA) foi transformado na Região Administrativa XXV por meio da Lei n.º 3.315, e a cidade Estrutural do DF, em sua sede urbana. O lixão da Estrutural foi oficialmente desativado em 20 de janeiro de 2018.

No decorrer da ação extensionista, inúmeros questionamentos surgiram, especialmente sobre como apresentar aspectos teóricos e práticos da conservação em um cenário totalmente diverso e complexo. Um dos desafios da sua continuidade foi de qual forma articular tais aspectos em consonância com a Museologia Social.

Com vistas a contextualizar esse processo, foi importante revisitar alguns aspectos sobre a conservação, a museologia e as possibilidades de sua aplicação em diferentes espaços. É sob tais limitações, que a Museologia Social se torna premente como uma via de superação dos desafios da conservação, considerando a inclusão e o protagonismo social.

No entanto, no que concerne a conservação, ainda há um distanciamento por parte dos profissionais da conservação-restauração no que diz respeito a sua aplicação em outros contextos. A limitação do modelo tradicional sobre a aplicação da conservação foi observada por Miriam Clavir (2002, p. 4 *apud* Sully 2007, p. 31) a partir de dois princípios norteadores: "(1) a necessidade de preservar a integridade do objeto físico, e (2) uma crença na investigação científica, como a base para a preservação adequada e tratamento das coleções". Além disso,

a pesquisadora salienta que a tomada de decisões pelos especialistas sobre os objetos alheios, a partir do modelo científico e do foco da conservação, isola estes objetos “das tradições e pessoas que deram significado aos objetos, como a cultura viva de descendentes de comunidades originárias”. Sully, 2013 apud Carvalho, 2020, p. 90) enfatiza que “certezas determinísticas da disciplina de conservação estão mudando e o compromisso da conservação tornou-se mais amplo, uma vez que deve considerar também a percepção de comunidades diversas interessadas na preservação”.

Durante o processo da extensão universitária e diante dos questionamentos feitos pela autora deste artigo, foi necessário um diálogo entre a Conservação e a Museologia Social a fim de encontrar elementos que norteassem a ação da conservação no Ponto de Memória da Estrutural. Nessa perspectiva, a essência da Museologia Social se evidencia uma vez que prioriza a atenção nas pessoas, estimula o pertencimento a sua história e cultura, e pode ser uma ponte que possibilita redimensionar o percebido sobre os vários aspectos da condição humana em face do patrimônio cultural e natural, material e imaterial. Isso propicia aos envolvidos no processo a participação ativa e inovadora em seus territórios.

Concomitantemente a esta concepção, após reflexões acerca das Cartas Patrimoniais, documentos fundantes que nortearam as diretrizes para a proteção dos bens culturais, Sully (2013) explica que, de forma processual, o foco da conservação-restauração ora aplicada em ‘objetos materiais’, passa a considerar os ‘valores’ e, desses, a conservação baseada nos ‘povos’.

O grande desafio das instituições museais, quicá das pessoas que nela atuam, é romper com esse “conceito reducionista mecanicista de museu que se formaliza pela coleta, conservação e exposição, e reduz as pessoas e a instituição a dimensões mecânicas” Rodrigues da Cruz (1993, pp. 4-23).

É importante evidenciar que a conservação-restauração está configurada em um campo científico, interdisciplinar, no entanto, ao ampliar o olhar e considerar no processo a percepção de comunidades, alarga-se a atuação do conservador e redimensiona-se a conservação participativa.

2. Museologia Social e mudança de mentalidade

Carvalho (2020) ressalta que o pensamento contemporâneo da Museologia Social foi processual, de acordo com o contexto da época, desde o Seminário Regional da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) sobre a Função Educativa dos Museus, de 1958; a função social dos museus e a concepção de museu integral decorrente da Mesa Redonda de Santiago de Chile, de 1972; a importância do patrimônio a partir da articulação entre território-patrimônio-comunidade refletida na Declaração de Oaxtepec, no México, em 1984; o Ateliê Internacional Ecomuseus – Nova Museologia, em 1984, culminando no ano seguinte com a criação do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (Minom), dentre outros. Esforços conjuntos de colaboração e pesquisa impulsionaram a sustentabilidade da Museologia Social, com objetivo da promoção humana por meio de uma museologia ativa e viva. Esses esforços englobaram questões amplas relacionadas à teia de relações, notadamente observadas, nas dinâmicas sociais, e alcançaram a sociedade por meio dos museus comunitários, ecomuseus, pontos de memória, dentre outros, sem descurar do contexto epocal.

Varine (2014) explica que o *status* fundante da Museologia Social nos territórios em que atua, desenvolve o museu de comunidade como um processo, ou seja, em contínua mudança, construção e reconstrução, principalmente por não ser uma instituição fechada em si mesma, restrita às coleções e aos especialistas. Segundo o autor, “é um ser vivo, como a própria comunidade, em constante movimento para se adaptar às mudanças que acontecem nela e em seu ambiente, seja ele regional, nacional ou global”² (Varine, 2014, p. 29).

Deve-se destacar que toda mudança carrega em si certa dificuldade de compreensão, pois o pensamento reducionista, como citado, contribui para a fragmentação não somente do conhecimento, mas também do indivíduo, da natureza e da cultura. É preciso expandir a percepção e reavaliar os processos e o contexto, sendo fundamental que o pensamento museológico contemporâneo abarque e trabalhe o *background* da cultura de forma ativa e participativa para que possamos alcançar o *background* da mentalidade. Ressalta-se que isso somente será possível por meio de um pensamento novo que possa desarranjar o conjunto dos demais conceitos estabelecidos e estar disposto a redimensionar o percebido.

Os Pontos de Memória são exemplos de ruptura e abertura. Durante o 4º Fórum Nacional de Museus (FNM), ocorrido em 2010, em Brasília, líderes comunitários da cidade Estrutural,

incentivados pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), apresentaram uma proposta sobre uma ação museal por meio do protagonismo social e do direito à memória. Ao término da comunicação, uma das palestrantes fez um chamamento “caso alguém queira nos ajudar, estamos abertos para parcerias”. Ali nascia, ainda informal, um trabalho conjunto entre o Curso de Museologia da Universidade de Brasília (UnB) e a liderança do Movimento de Educação e Cultura da Estrutural (Mece). Foram então realizadas algumas visitas no local e oferecidas aulas de Conservação no Curso de Museologia da UnB. Foi impactante observar que um local tão próximo do centro do poder, 15 Km em linha reta, ainda sofria com as consequências do lixo de Brasília. No início, ainda em 2010, a poeira se intensificava pelos caminhões nas ruelas¹ sem asfalto que, dia e noite cruzavam a cidade para depositar o lixo. O chão batido, telhas de amianto, pouca luminosidade, casa pequenina, assim era o espaço que sediava o Mece, que, contudo, era amplo no sentido das ideias, dos sonhos, da luta por um mundo melhor. Aquela pequena casa foi posteriormente reformada com a participação dos moradores, passando a se chamar Casa dos Movimentos³.

Ao mesmo tempo em que era discutido o futuro do Mece com sua nova proposta de constituir um Ponto de Memória, a líder comunitária Maria Abadia Teixeira de Jesus, articuladora do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) na Estrutural, Deuzani Noletto, e os participantes da iniciativa, Adoaldo Dias e Vicente de Paula, assistiram às aulas ministradas na disciplina de Conservação, no Curso de Museologia da UnB.

Em 2011, após o lançamento do Ponto de Memória da Cidade Estrutural – Distrito Federal, realizado pelo Ibram, foi lançado, na Universidade de Brasília, o projeto de Extensão: conservação e acervo do Ponto de Memória da Estrutural, conduzido na Casa dos Movimentos. O projeto de extensão foi realizado entre 2011 e 2015. Na época, as lideranças do local já eram conhecidas, dentre as quais destacamos a líder comunitária Maria Abadia Teixeira de Jesus².

¹ Morin (2013) se alinha à abordagem de Varine (2014) quando ressalta o ‘desenvolver e envolver’, ou seja, extrair o que há de bom no desenvolvimento, mantendo o envolvimento com a comunidade, com a cultura, sem descuidar de uma política da humanidade, dizendo que “precisamos daquilo que chamamos de uma economia social e solidária”, sendo necessário tanto mais autonomia quanto mais comunidades. Para Morin, é necessário uma reforma na educação, não só ensinar as disciplinas, mas efetivamente ensinar a “compreensão humana”.

² Maria da Abadia Teixeira de Jesus, conhecida na cidade como Abadia, é natural de Unaí (MG). É líder comunitária, costureira, educadora popular e moradora da cidade Estrutural desde 1990. Gestora do Movimento de Educação e Cultura da Estrutural e Coordenadora do Ponto de Memória da Estrutural. No decorrer do texto, onde se lê somente o nome ‘Abadia’, refere-se a ‘Maria Abadia Teixeira de Jesus’ (Carvalho, 2020, p. 36).

O Ponto de Memória da Estrutural esteve em atividade desde sua inauguração, em 2011, até 2019, quando seu espaço físico, a Casa dos Movimentos, foi ocupada por traficantes locais, o que forçou a desmobilização de seus participantes. Inicialmente, em meio à situação adversa que se apresentava, as lideranças temeram pelo fim da iniciativa. No entanto, com resiliência e resistência, os encontros passaram a ocorrer na Biblioteca³ Comunitária Catando Palavras⁵. Foi nesse momento que uma nova compreensão se configurou: o Ponto de Memória poderia também existir sem uma sede física, concebendo-se a partir de suas ideias, rodas de memória e ações independentes de uma sede fixa. Com essa perspectiva, Rodrigues da Cruz (1993) destaca que museu, escola e universidade não são prédios, mas mentalidade. Nesse contexto, Chagas (2015) enfatiza que a Museologia Social não comporta o museu datado, acabado, clássico sem programas de inclusão social, de maneira que considera outras possibilidades de ação, não somente circunscrita aos acervos, edificações e marcadas pelo espaço formal, mas pelas múltiplas dimensões e possibilidade museológica envolvendo a sociedade como protagonista da sua história, que, por sua vez, está circunstanciada ao contexto em que está inserida e diante das incertezas do mundo contemporâneo.⁴

Moutinho (2007, pp. 1-3) destaca a ampliação de sentido e significado da ação museológica, não mais se restringindo à técnica propriamente dita, mas a “práticas museológicas orientadas para o desenvolvimento da humanidade”.

Em que pese a interdisciplinaridade entre a Museologia Social e outras áreas do conhecimento, a sua ação social vai além da atuação do especialista, pois o inclui no processo, portanto, há sinergia entre os profissionais da museologia e os participantes da ação. E ações museais como conservação, exposição, inventário, dentre outras poderão ser desenvolvidas de forma integrada com a comunidade.

Assim sendo, é possível compreender que a natureza da Museologia Social é transdisciplinar⁵, portanto, produz ações museais para além do local de ação da instituição

³ A criação da Biblioteca Catando Palavras se deve a Maria Abadia Teixeira de Jesus que, nos anos noventa, retirava livros do lixo, os higienizava e emprestava para as crianças e jovens da cidade Estrutural.

⁴ Maria Abadia Teixeira de Jesus, Deuzani Noleto, Vicente de Paula, Adoaldo Dias, Jeruza Teixeira, Ismael dentre outros participantes do Mece.

⁵ Conforme Nicolescu (1999), o termo ‘transdisciplinaridade’ foi apresentado pela primeira vez por Jean Piaget na década de 1970. Por sua natureza integradora, a transdisciplinaridade, busca a unidade do conhecimento, “diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas, e além de qualquer disciplina”. Ainda segundo autor, as revoluções quânticas e a revolução informática ocorridas no século XX poderiam modificar a forma como vemos e atuamos no

propriamente dita. Ela abrange o espaço de sentido que ocupamos diante dos diversos cenários e níveis de realidade existente, material e imaterial, e contempla também o espaço de vida que se locupleta pelo conhecimento, sentimentos vivenciados e partilhados. Além disso, e para ter sentido, traduz em sua essência uma museologia biófila, conectada com a vida. Nesse sentido, Rodrigues da Cruz (1993) enfatiza que o Ser do ser humano é o Espírito, que dá sentido ao lugar que ocupa. Ao relacioná-lo com o pensamento museológico, se extrapola o olhar, ora circunscrito ao objeto, às coleções, para estabelecer novas conexões em outro referencial do fazer museológico.

Dessa feita, quando se altera a mentalidade sobre o museu e a museologia, se priorizam novos protagonistas da memória e da história. Há que se destacar que, no diálogo entre duas pessoas, há toda uma cultura, portanto, o que está entre esses dois seres é muito maior. Ali está incluído o terceiro, independente do meio, sempre estará presente toda a cultura do grupo social do qual estas fazem parte, portanto, sua própria humanidade.

As atividades conduzidas no Ponto de Memória da Estrutural, tanto presenciais quanto remotas, refletem a metodologia adotada desde a sua criação participativa e solidária que, numa visão em espiral, se manifesta organicamente. Portanto, trata-se de um processo aberto e em contínua transformação e aprendizado, coerente com os fundamentos da Museologia Social. Nessa direção e, de acordo com os variados contextos socioculturais em que é aplicada, ações museais demonstraram estimular o protagonismo individual e coletivo dos envolvidos na ação, no desenvolvimento local, na economia criativa e na gestão compartilhada. Esse processo evidencia o caráter transdisciplinar do campo ao destacar que há inúmeras maneiras de compreender e interpretar o patrimônio cultural e, por conseguinte, a redefinição do objeto museológico no estudo da memória social.

Chagas e Gouveia (2014) evidenciam que a Museologia Social tem como compromisso [...]a redução das injustiças e desigualdades sociais; com o combate aos preconceitos; com a melhoria da qualidade de vida coletiva; com o fortalecimento da dignidade e da coesão social; com a utilização do poder da memória, do patrimônio e do museu a favor das comunidades populares, dos povos indígenas e quilombolas, dos movimentos sociais, incluindo aí, o movimento LGBT, o MST e outros (Chagas; Gouveia, 2014, p. 17).

Ressalta-se a relevância da Museologia Social no Brasil para a promoção de segmentos

mundo; no entanto, os problemas da humanidade continuam e a antiga visão de mundo reducionista ainda permanece (p.46).

sociais nas mais diversas regiões, contextos e cenários. Além disso, ela democratiza o acesso ao patrimônio, estimulando o direito de comunidades de *intervir, questionar, manipular e decidir sobre a salvaguarda do patrimônio cultural, suas identidades e memória.* Com isso *,* os museus comunitários e os vários ambientes em que *a Museologia Social atua, incentiva a reflexão do tempo presente no que concerne aos aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais.* Desse modo, os participantes podem, a partir de suas convicções, fazer *escolhas conscientes, uma vez que os instrumentos e instruções adotados permitem ao sujeito ser o autor da sua própria história.* Assim, a Museologia Social por meio dos equipamentos museológicos de que dispõe, busca continuamente extrapolar criticamente a ideologia dominante e não somente representá-la. Uma de suas funções é proporcionar aos seus participantes um exercício contínuo e crítico do pensar, com ações norteadas a partir de uma visão crítica da pessoa sobre a sua realidade, consciente do seu papel na sociedade, pois, na medida em que fizer o pertencimento à cultura, será autor da sua própria história.

Os museus comunitários podem ampliar sua ação e ser o espaço que permita que a autonomia do sujeito possa ser revelada. Dessa forma, é necessário que os profissionais *dos museus e os pesquisadores observem a dinâmica dos fenômenos sociais contemporâneos e a existência de novas possibilidades de ação na Museologia e nos museus.*

No Ponto de Memória, o debate de ideias e a escuta do outro sempre foram respeitosos, mesmo diante de confrontos sobre realidades e pontos de vista diversos, *que em sua continuidade e envolvimento se evidenciou conforme a perspectiva da exlética.* Essa considera a não sobreposição das opiniões dominantes, mas o respeito ao saber do *outro, o envolvimento construtivo na busca de soluções, em que todos os envolvidos na ação têm condições de trazer contribuições, isto é, a cada encontro observa-se a conquista da dimensão da tolerância e alteridade.* A exlética ⁶foi descrita por Bono, como algo que “combina o que há de melhor em várias abordagens para construir algo novo” (Bono 1995, pp. 80-81). Sob essa perspectiva, uma das ações museais realizadas no Ponto de Memória foi *a Roda de Memória.* Nessas rodas, os moradores narram suas histórias de vida, em sua *maioria, permeadas por lutas e conquistas relacionadas com a história da cidade, o que propicia a superação das diferenças, pois dá a oportunidade para cada um escutar com atenção a versão dos fatos,*

⁶ Termo criado pelo médico e psicólogo Edward de Bono (1933-2021) da Universidade de Oxford, considerado a principal autoridade no campo do pensamento criativo, inovação e ensino direto do pensamento como uma habilidade.

carregada na memória de cada um. Conforme Noleto (2019 *apud* Carvalho 2020, p. 170):

O tema da roda foi a luta para permanecer na Estrutural. O Elias e a Dona Geralda não se falavam há muito tempo, e nesse dia na Roda de Memória um ficou ao lado do outro, e cada um contou a sua versão da história e ouviu atentamente a versão do outro. Ao final se cumprimentaram. Foi um momento emocionante (Noleto, 2019).

Essa e outras memórias relatadas e que se entrelaçam foram expostas no Ponto de Memória da Estrutural.

3. Conservação Participativa: caminhos e desafios

De acordo com Sully (2013), o entendimento sobre ‘Conservação Participativa’ foi gradual. A carta de Atenas (Grécia) de 1931 e de Veneza (Itália) de 1964, fundamentam-se na conservação material. Além disso, apresentam valores universais do patrimônio cultural, ficando o estudo dos valores intrínsecos e a tomada de decisão de conservação a cargo de especialistas. A ênfase está circunscrita na monumentalidade do patrimônio para ações de conservação. Na Carta de Veneza de 1964, por sua vez, a noção de monumento histórico é ampliada; pois, além de considerar uma construção isolada, como uma igreja, considera também os sítios urbanos e rurais, que tenham adquirido uma significação cultural.

A adoção partilhada mundialmente sobre o patrimônio, diante das ameaças ao patrimônio cultural e natural, é adotada na Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural de 1972. A conservação é tratada como um processo técnico a fim de estabilizar processos de degradação, e objetiva preservar o bem para futuras gerações. De acordo com Sully (2013, p. 9), as práticas e pesquisas de conservação baseiam-se na vulnerabilidade do objeto de conservação e nas ações necessárias para atenuá-las.

Em 1994, é realizada no Japão a Conferência de Nara que abrange a autenticidade em relação à convenção do Patrimônio Mundial. A conservação baseada em povos é observada ao introduzir o conceito de ‘diversidade cultural’:

Nós, especialistas reunidos em Nara (Japão), desejamos reconhecer o espírito generoso e a coragem intelectual das autoridades japonesas em promover oportunamente este fórum, no qual podemos desafiar o pensamento tradicional a respeito da conservação, bem como debater caminhos e meios para ampliarmos nossos horizontes, no sentido de promover um maior respeito à diversidades do patrimônio cultural na prática da conservação.

O documento reconhece que “a autenticidade está enraizada em contextos socioculturais específicos e só pode ser compreendida e julgada no contexto cultural que ele pertence”. C

om esta abordagem, os especialistas ‘consultam’ as partes interessadas para atribuir valores patrimoniais e significado cultural (Sully, 2013, p. 10).

Na Carta de Burra de 1999 são apresentados três estágios para a tomada de decisão: “compreender o significado; desenvolver a política; gerir de acordo com a política”. (Icomos, 1999). Sully (2007, p. 42) explica que a elaboração da declaração de significância é o resultado de debates públicos, que utilizam ferramentas de avaliação. Esse documento define o significado cultural de algum bem e orienta as políticas de preservação que serão adotadas. Sendo definido o significado, pode-se estabelecer graus de significância, tais como raridade, representatividade, integridade etc. A declaração de significância deverá apresentar os valores, o significado e a importância do bem. A partir desse levantamento, é possível tomar decisões quanto à conservação e gestão baseadas em valores. Essa declaração de significância não representa tudo o que pode significar um objeto.

A base do Documento da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial de 2003 são os valores patrimoniais e de significado cultural. A tomada de decisão quanto às resoluções sobre os problemas de preservação é liderada pelas comunidades que localmente buscam suas soluções. De acordo com Carvalho (2020), nesse documento é considerada a interdependência entre o patrimônio cultural material e imaterial. Para os conservadores, esta interdependência entre o tangível e o intangível torna-se um desafio para a decisão de conservação. No entanto, Sully (2013, p. 15) reafirma a potencialidade com vistas a um novo olhar para a teoria e a prática da conservação. Conforme o autor:

[...] o conservador é capaz de mediar entre vários atores no processo. Para o conservador, um equilíbrio entre "educar o local" e "fazer como o local" pode ser atingido para que as bases filosóficas da conservação sejam "esticadas" para incorporar as diversas necessidades das comunidades locais - expandindo os objetivos de conservação e métodos de trabalho, em vez de limitá-los" (Sully, 2013, p. 15).

De acordo com Munõz-Vinãs (2012) e Sully (2013), a tomada de decisão na conservação envolve tanto os especialistas quanto as partes interessadas, e amplia a atuação da conservação quando considera a participação dos povos na tomada de decisão de conservação, conforme Sully (2013):

Uma abordagem baseada em povos difere na medida em que prioriza o bem estar da comunidade sobre o patrimônio material. Trabalhar dentro de um “processo participativo”, consultando uma comunidade de usuários, vai além de simplesmente avaliar uma resposta a uma solução predeterminada por especialistas, mas tenta desenvolver uma resposta de conservação apropriada que reflita as aspirações da comunidade de usuários conectados

a esses objetos patrimoniais (Sully, 2013, p. 15).

Segundo Viñas (2012, p. 224), na teoria contemporânea da conservação, reconhece-se a importância de incluir as pessoas para quem o objeto a ser tratado tenha algum significado, reafirmando que a decisão de conservação não fica na esfera somente dos especialistas.

De acordo com Carvalho (2020, p. 97), práticas decolonizadoras de conservação foram apresentadas por Sully (2007), com uma “agenda guiada pelas comunidades locais”, a partir do interesse e participação no processo de “produção e gerenciamento do patrimônio” com vistas a refletir suas expectativas de determinar o que será conservado. De acordo com o autor:

Isso exige projetos que são realizados com a comunidade, em um esforço verdadeiramente colaborativo, no qual as decisões de conservação resultam de um processo genuíno de negociação entre os envolvidos no processo (Smith, 2005; Smith & Wobst, 2005; Smith & Jackson, 2006 *apud* Sully, 2007, p. 225).

Os projetos de conservação em comunidades dependerão de cada contexto e especificidades locais, sendo o especialista em conservação o “facilitador, ouvinte e recurso para a comunidade”, além de fornecer as ferramentas necessárias para alcançar os objetivos. Butts (1990, p. 111 *apud* Sully, 2007, p. 228).

Wai Hin Wong⁷ (n.d.) explica que a participação de comunidades locais na conservação do patrimônio beneficiará não somente a comunidade envolvida, mas toda a sociedade. Segundo o autor:

Socialmente, a vida da comunidade pode ser melhorada. A participação da comunidade ajuda a construir um senso de identidade, comunidade e lugar por causa de vínculos mais fortes com uma identidade comum, história e patrimônio. Além disso, inclusão social, coesão e compreensão podem ser fortalecidas pela promoção de um senso de responsabilidade compartilhada em relação aos lugares em que pessoas vivem⁸ (Wong, n.d., p. 3).

A Museologia Social alcançou em seus pressupostos, uma vocação intrínseca para a inclusão e participação de comunidades nos processos museológicos. Da mesma forma, a Conservação passou por um processo de evolução e acompanhou essa mudança, conforme apresentado nas cartas patrimoniais. Mesmo considerando essas mudanças nos respectivos campos do conhecimento, ainda há um desafio, a sinergia entre elas e a efetivação de uma prática pautada no reconhecimento e importância da comunidade. Desse modo, é essencial que os especialistas envolvidos considerem essa sinergia e permitam-se dar o passo transdisciplinar

⁷ Aluno de Pós-Graduação Universidade Politécnica de Hong Kong.

⁸ Aluno de Pós-Graduação Universidade Politécnica de Hong Kong.

em sua atuação, a fim de propiciar o protagonismo das pessoas e comunidades, no centro das decisões de preservação, reconhecendo a importância de um alcance mais profundo sobre o patrimônio cultural e do seu significado.

4. Conservação Participativa no Ponto de Memória da Estrutural

Exemplos de Conservação Participativa baseada em povos foram descritas na investigação de Carvalho (2020), *Museologia Biófila: o Ponto de Memória da Estrutural*. A autora amplia o seu olhar para além da perspectiva de povos tradicionais e discorre sobre o lugar da conservação em comunidades periféricas e marginalizadas, ao estabelecer conexões entre a Biofilia e a Museologia social, para ressignificar a conservação na perspectiva da conservação participativa. A abordagem de uma museologia biófila pode ser refletida nas pesquisas de Chagas:

Acionados pelos movimentos sociais como mediadores entre tempos distintos, grupos sociais distintos e experiências distintas os museus se apresentam como práticas comprometidas com a vida, com o presente, com o cotidiano, com a transformação social e são eles mesmos entes e antros em movimento (museus biófilos). No entanto, diante de um ente devorador como o museu, tantas vezes chamado de dinossauro ou esfinge, não se pode ter ingenuidade. É prudente manter por perto a lâmina da crítica e da desconfiança. Ele é ferramenta e artefato, pode servir para a generosidade e para a liberdade, mas também pode servir para tyrannizar a vida, a história, a cultura; para aprisionar o passado e aprisionar os seres e as coisas no passado e na morte (museus necrófilos)" (Chagas, 2011, p. 7).

O pensamento de Chagas (2011) é essencial para compreender que nos museus necrófilos não existe uma conexão entre o museu e a sociedade, e não se escutam os protagonistas da história e da memória. Carvalho (2020) corrobora Chagas (2011) ao buscar analisar características biófilas em ações museais realizadas no Ponto de Memória da Estrutural.

Em 2010 várias formações em museologia foram conduzidas pelo Ibram junto às lideranças da cidade Estrutural com vistas à implantação do Ponto de Memória na cidade. Nesse mesmo ano, os participantes decidiram que o tema central das exposições seria 'Movimentos', podendo em seu desdobramento ser acrescidos temas variados, para melhor contar a história da cidade. "Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista" foi a primeira exposição e a que inaugurou o Ponto de Memória em 21 de maio de 2011.

A exposição Movimentos da Estrutural - luta, resistência e conquista, retrata a história de luta dos moradores da cidade, uma área nobre do Distrito Federal, ao lado do Parque Nacional de Brasília e a poucos quilômetros do

Palácio do Planalto. A mostra faz um recorte da intensa labuta que foi conquistar esse lugar, marcado por lutas que custaram vidas e saúde de muita gente, mas que também geraram muitas vitórias, que fazem hoje da Estrutural um lugar vivo (Ponto de Memória da Estrutural, 2011).

Para a concretização da exposição não havia um acervo material. Na ocasião, alguns moradores e participantes das Rodas de Memória, se dispuseram a emprestar fotografias sobre o início da cidade. Outros se prontificaram a buscar no lixo a ser reciclado algum objeto que representasse as suas histórias, lutas e memórias. Na exposição, um tambor de metal representou a luta dos moradores pela água, um poste representou a luta pela luz, os pneus representar a luta pelas barricadas que eram realizadas na via Estrutural na década de 1990, como instrumento de resistência e luta pelo direito às condições sanitárias, de moradia e educação. Na exposição a luta, a resistência e a conquista foram musealizadas e “em objetos destituídos de utilidade e sem significado algum, encontraram os semióforos para aquela narrativa” (Carvalho, 2020, p. 264). Ao visitar a exposição, moradores antigos retrocederam no tempo e revisitaram o passado. As crianças, até então, não tinham conhecimento do que suas famílias haviam passado.

A reutilização de objetos retirados do lixo na exposição sinaliza uma das pautas do Ponto de Memória relacionada sobre a preservação do meio ambiente. Segundo Carvalho (2020), essa ação mostra as diferentes realidades das pessoas e pela perspectiva da transdisciplinaridade se questiona: o que estaria entre, através e além do lixo descartado? A história de vida dessas pessoas. Além disso, se repetirmos essa mesma indagação, observamos que há visões de mundo distintas, para quem joga fora aquilo que não considera mais útil e para aquele que o cata e o transforma.

Aquele, ao não ver mais utilidade em determinado objeto, dele se desfaz; e, independentemente se doou ou descartou, o fato é que um dia este objeto em definitivo vai para o lixão; o catador de recicláveis, por sua vez, retira-o do lixo e, para o seu sustento ou uso pessoal, o reaproveita, contribuindo com a biofilia. Ao reaproveitá-lo, o objeto em si poderá ser ressignificado de acordo com o seu novo uso ou até quem sabe, em novas funções. Em uma das rodas de conversa com a Abadia, assim ela expressou: “quando eu encontro uma bolsa de mulher na reciclagem me passa pela cabeça muitas coisas, eu fico imaginando a quem pertenceu, seria feliz a mulher a quem a bolsa pertenceu?” (Carvalho, 2020, p. 281).

Por 58 anos a cidade Estrutural recebeu todo o lixo produzido no Distrito Federal e esse lixo não diz respeito somente às cidades periféricas onde são depositados, mas a todos nós. De acordo com Carvalho (2020, p. 365):

Para os moradores da cidade Estrutural, que sobrevivem da coleta seletiva, a percepção do lixo não fica circunscrita somente ao sustento e a subsistência. Enquanto potência de vida, esta percepção se amplia esteticamente para a criação de arte e artesanato a partir da reutilização e reciclagem de materiais, evidenciando a autocriação. Além de retirarem do meio ambiente os mais diversos objetos, os materiais são transformados em adereços e ressignificados, ganhando um novo uso ou função, como por exemplo, o reaproveitamento para fins de construção das narrativas expositivas, como nas exposições realizadas, reverberando em ações de conservação participativa tanto na esfera das exposições quanto na preservação do meio ambiente.

Todos os equipamentos expográficos foram higienizados e repintados, o que caracterizou uma das primeiras ações de conservação participativa, e contou com as pessoas da comunidade envolvidas na atividade e a equipe do Ibram. De acordo com Carvalho (2020)

É importante notar que esses objetos, ao serem tratados para fins expositivos, saem da sua condição de finitude; e foi por meio deles que a narrativa expositiva se configurou, possibilitando que as ideias do tema escolhido se revelassem a partir do visível exposto. E os objetos, mesmo destituídos de significados afetivos, ao serem expostos adquiriram uma nova função, agora museológica ao representarem ‘a luta, a resistência e a conquista’ daquela comunidade (Carvalho, 2020, p. 265).

Em outra ocasião, uma das integrantes observou uma pipa em movimento acima dos entulhos de lixo reciclado e fez na captura do tempo o registro desse objeto. Lúdica no anonimato – pois não dava para visualizar as sofridas mãos que a empinavam e em meio ao lixo –, fora capturada do tempo e “do seu livre movimento no céu da cidade Estrutural, a suavizar o olhar da realidade, passou a representar o Ponto de Memória da Estrutural” (Carvalho, 2020, p. 266). Inspirados na imagem da pipa, os moradores criaram um objeto expográfico. Confeccionado por várias mãos, uma pipa em papel de seda, à qual foram anexadas, em toda a extensão da rabiola, tiras de plásticos reaproveitadas de sacolas descartadas. Em cada tira estava escrito um sonho.

Em setembro de 2011, a exposição ‘Movimentos da Estrutural: Luta, Resistência e Conquista’ foi reapresentada no espaço expositivo da Biblioteca Central da UnB durante a semana universitária. Dentre as questões que foram surgindo, uma delas versou sobre o procedimento de conservação que seria realizado. Quando da desmontagem da exposição, ainda na Casa dos Movimentos, os estudantes extensionistas junto com os moradores, auxiliaram na higienização dos objetos e no acondicionamento para o traslado. A pipa foi um dos objetos higienizados com a participação de estudantes na UnB. Na universidade, a ação de conservação e montagem da exposição integrou estudantes e comunidade.

As atividades de conservação participativa foram se configurando aos poucos e de acordo com as necessidades apresentadas. Um outro movimento de conservação participativa foi trabalhado com um grupo de costureiras. Conceitos e recomendações pautadas na conservação foram trabalhados de forma transversal na oficina de *patchwork*⁹. Utilizando retalhos de tecidos coloridos, a oficina de costura foi conduzida para um grupo de vinte e três mulheres entre agosto e outubro de 2011. Aspectos técnicos da costura e da conservação de têxteis foram trabalhados com as participantes, por exemplo, a direção da trama e da urdidura do tecido, o direcionamento da costura, o tingimento, além da importância do cuidado com o artesanato em tecido para sua maior permanência em relação ao tempo, bem como os cuidados com umidade, água, luz e sujidades. Durante o processo e com o grupo de mulheres já integrado, algumas delas relatavam situações pessoais, seus sonhos profissionais e o que fariam após o término da oficina. De acordo com Ana Abreu (Carvalho, 2020)¹⁰:

[...] foram desenvolvidas aulas com o fito de associar as recomendações básicas da conservação de têxteis ao trabalho de aproveitamento e reciclagem de tecidos por meio da aprendizagem das técnicas do trabalho com retalhos (*patchwork*). Foram desenvolvidas oficinas de trabalhos práticos que enfocaram os tecidos e sua tipologia (naturais e sintéticos) assim como a melhor adequação do tecido ao trabalho. Houve orientações acerca do corte do tecido visando contribuir para sua durabilidade assim como orientação acerca do processo de costura dos mesmos. Outras orientações acerca da escolha das cores dos tecidos, assim como os cuidados relacionados às formas de lavagem e secagem do material foram igualmente abordadas (Gomes, 2011).

Muitas das mulheres que participaram da oficina começaram a trabalhar com *patchwork* e costura. No decorrer das atividades, aspectos biófilos foram observados tanto nos diálogos entre elas quanto na preocupação com a preservação do meio ambiente.

Ainda em 2011, integrantes da Editora Eloisa Cartonera ministraram oficinas de confecção de livros artesanais. Além das lideranças, a oficina mobilizou jovens e crianças. Nesse mesmo ano, os participantes do Ponto de Memória criaram a Editora Popular Abadia Catadora, nome inspirado em sua congênere na Argentina e uma homenagem à líder comunitária da cidade Estrutural, Maria Abadia Teixeira de Jesus. Essa última, entre 1998 e 2005, havia trabalhado na coleta seletiva de livros e materiais recicláveis, o que representa a luta e a resistência pela educação de moradores e moradoras da cidade Estrutural, no Distrito Federal. Posteriormente, várias oficinas foram implementadas junto à editora, tais como

⁹ Oficina realizada pelas Professora Ana Abreu e Silmara Küster do Curso de Museologia da UnB.

¹⁰ Ana Lúcia de Abreu Gomes - Relatório de Extensão 2011, não publicado.

escrita criativa, desenho e ilustração. Eventos como o sarau poético revelaram escritores locais e estimularam a leitura. As atividades em seu conjunto visavam o aprimoramento de habilidades artísticas, de escrita e de leitura. Desde a criação da editora, inúmeros livros foram editados com textos de escritores locais e renomados, como Carlos Rodrigues Brandão.

No início, os exemplares eram produzidos de forma simples, com uma dobra de caderno com 8 ou 10 folhas e grampeados ao meio. A capa era confeccionada com papelão que recebia a pintura com tinta guache. No início de 2013, Abadia observou que os grampos utilizados no meio dos cadernos dos livros produzidos estavam enferrujando e indagou o que poderia ser feito para mudar isso.

Após esta observação e na intenção de agregar valor ao livro artesanal confeccionado por eles, retomei questões relacionadas à conservação de papel que havíamos trabalhado para a montagem das fotografias para a exposição de 2012 A Mulher e a cidade; e propus uma oficina de costura e encadernação de livros artesanais, substituindo os grampos metálicos dos livros já editados pela editora e para as futuras publicações (Carvalho, 2020, p. 305).

Como forma de solucionar o problema, os livros confeccionados pela Editora passaram a ser costurados com linha e cadarços de algodão, dispensando os grampos metálicos. Para a confecção das capas, era utilizado papelão reutilizado do lixo da reciclagem, além de caixas de papelão levados pelos participantes. A capa, por sua vez, somente é colocada no livro após receber a pintura. Com o passar do tempo, Abadia percebeu que o papelão de 2mm de espessura era o mais adequado, e definiu o melhor sentido de cortá-lo para facilitar as dobras e cortes.

Segundo Abadia, atualmente a editora trabalha apenas com uma catadora e busca sensibilizar outros catadores a fim de que participem da ação. O uso do papelão tem como objetivo o despertar de uma consciência ambiental e a sustentabilidade, além de estimular a geração de renda com base em uma economia solidária (...). No que concerne à técnica de corte do papelão, aos poucos foi se aperfeiçoando para que a capa não fique frágil no decorrer do manuseio do livro (Carvalho, 2020, pp. 309-310).

A partir da criação da Editora, ocorreram significativos desmembramentos. Almir Gomes, escritor popular e participante do Ponto de Memória, criou uma oficina criativa e se dispôs a oferecê-la na comunidade. A oficina foi realizada com a produção de livro artesanal e oferecido aos jovens do Centro de Convivência da Estrutural (Cose). Esses estudantes tinham sido catadores do lixão desde a primeira infância,

[...] daqueles 30 jovens entre 15 e 17 anos, somente um estava cursando o ensino médio, dois deles ingressaram no curso de Educação de Jovens e Adultos [EJA]. Alguns em regime socioeducativo e o restante não tinha

sequer concluído o ensino fundamental. Como alguns ainda eram analfabetos das letras, mas não das emoções, sugeri ao Almir iniciar a oficina com uma Roda de Memória, sobre os sonhos de cada um (Carvalho, 2020, p. 315).

Em uma das rodas de conversa realizada em 2016, com o tema sustentabilidade ambiental, foi proposto aos integrantes da editora a reciclagem do papel, de forma a agregar valor ao livro que seria produzido pela Editora. Os papéis a serem reciclados eram coletados por uma das integrantes do projeto e repassado para a Editora. O objetivo era produzir um papel reciclado, destituído de cargas e livre de ácido para ser utilizado nos livros da Editora. De acordo com a líder comunitária Maria Abadia, na separação de papéis para reciclagem, uma das exigências dos compradores de papel, é o rigor na seleção. Devem ser separados os papéis sem brilho e brancos, pois, “quando o comprador vem buscar o papel, caso haja em um dos sacos qualquer papel com este brilho, o saco todo é descartado”, se referindo-se ao papel couchê. Nesse tipo de papel há camadas de revestimentos e aditivos impróprios para uso na conservação de obras sobre papel.

A partir de junho de 2016, foi realizado no Laboratório de Conservação (Lacon) do Curso de Museologia – à época integrado ao Laboratório do Setor de Restauração da Biblioteca Central da UnB –, a produção de papel artesanal livre de ácido. Participaram os integrantes da Editora Abadia Catadora e três jovens do projeto Educar para Libertar, autorizados pelo Departamento Penitenciário Nacional (Depen) do Ministério da Justiça.

Carvalho (2020) chama a atenção para a importância da inclusão social a partir da Conservação Participativa, além da consciência da sustentabilidade ambiental trabalhada. Além disso, a reciclagem do papel coletado pelos moradores é uma forma de observar as potencialidades do material, uma vez que na cidade Estrutural a atividade de coleta seletiva ocorre com a única finalidade de revender a matéria aos atravessadores, que repassam para as grandes recicladoras.

Os papéis artesanais foram confeccionados na gramatura de 120 g/m², com cores variadas e as edições da Editora Abadia Catadora foram produzidas com esse papel.

Na ocasião, introduzi várias questões teóricas da conservação como tema transversal às ações práticas na produção de papel, dentre eles expliquei o problema do papelão para a preservação dos exemplares produzidos pela editora. Algumas discussões se sucederam e, dentre elas, deixar ou não a reutilização do papelão. Muito embora a equipe da editora tenha adotado a confecção de papel artesanal livre de ácido para o miolo das próximas edições, pois poderá perfeitamente ser com papel reciclado, decidiram em manter o uso do papelão na capa, pois é a marca das editoras populares cartoneras. E mais uma iniciativa viria se agregar ao processo (Carvalho,

2020, p. 341).

A conservação participativa conduzida em comunidades periféricas dependerá do contexto em que é aplicada e passará pelas histórias do lugar, lutas e conquistas de comunidades, independentemente de objetos físicos.

Notam-se as nuances da conservação participativa baseada em povos tradicionais (Sully, 2013) e em comunidades periféricas (Carvalho, 2020). Para Sully (2013), na conservação baseada em povos, há vínculo afetivo em relação ao território e aos bens culturais integrados a ele, as decisões de preservação ocorrem com a participação ativa dos povos, alicerçada nas suas tradições e nas relações estabelecidas entre pessoas, objetos ou locais, podendo ser intermediada ou não por especialistas. Na conservação participativa em comunidades periféricas, como no caso do Ponto de Memória da Estrutural, observa-se que há vínculo afetivo em relação ao território, pela conquista do lugar. No entanto, a comunidade não tem vínculo anterior com as referências culturais daquela localidade, pois se compõe de migrantes de várias regiões do país. No entanto, objetos do cotidiano passam a ser elevados à categoria de patrimônio pela comunidade. A partir do momento em que esses bens apresentam em sua forma, significado, uso e função, a relação com as memórias vivenciadas pela coletividade, sejam elas de dor, de resistência ou de conquista, podem ser revitalizadas e conservadas pela decisão dos participantes.

A ação da líder comunitária Maria Abadia com a coleta seletiva de livros que foram descartados reverbera até os dias atuais em benefício do coletivo, com a criação da Biblioteca Comunitária. Nesse contexto, observa-se o vínculo afetivo em relação ao território como espaço de resistência e ao bem cultural em questão: os livros são retirados do lixo, higienizados, acondicionados e disponibilizados ao público e sem a intermediação de especialistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades museais conduzidas durante o período em que a pesquisa foi realizada caracterizam-se por ações museais biófilas, ou seja, conectadas com a vida. O entendimento da conservação participativa pode ser observado em várias perspectivas, pois, no movimento do lugar, a ação é contínua e outras iniciativas foram registradas. Em meio à pandemia do Covid 19, em 2020 e 2021, foram realizados junto aos participantes do Ponto de Memória, inicialmente de forma *online* e posteriormente presencial, vários debates sobre a prevenção das arboviroses. Isso resultou na estruturação de uma exposição digital que envolveu moradores e escolares,

incentivados pela Faculdade de Saúde da UnB. A exposição foi intitulada “Movimentos da Estrutural: prevenção da Dengue, Zika e Chikungunya”, mas aqui com o entendimento da conservação participativa para a defesa da vida¹¹.

Em 2024 foi realizada uma oficina que integrou estudantes extensionistas da Casa de Cultura da América Latina da UnB e moradoras da cidade Estrutural. A atividade, ocorrida na Biblioteca Comunitária Catando Palavras, versou sobre o cuidado com a preservação de livros e documentos pessoais. No decorrer da conservação, uma das moradoras revelou que ainda não sabia ler, com o que ressurgiu a proposta de alfabetização. Diante disso, em meio ao cuidado com os livros, outros temas vão surgindo, devendo ser alinhados de acordo com o apresentado no emergente no grupo.

Ações museais de conservação participativa foram conduzidas com a comunidade do Ponto de Memória e refletidas por Carvalho (2020), o que reafirmou a Museologia Social em consonância com o recomendado no relatório da Unesco e coordenado por Jaques Delors, sobre a educação para o século XXI. Esse relatório preconiza em seus postulados quatro pilares: (1) “aprender a conhecer” legitimado no (2) “aprender a fazer”, numa atuação conjunta entre estudantes, professores e comunidade no contínuo exercício de (3) “aprender a viver juntos, aprender a conviver com os outros” para atingirmos o *status* de (4) “aprender a ser”, procurando assim o crescimento mútuo a fim de alcançar os saberes sociais, dando sentido à Educação Museal no âmbito da Museologia Social (Carvalho, 2020, p. 176).

Com as reflexões apresentadas, a experiência vivenciada durante o projeto de extensão em sua continuidade e posterior a ela, foi possível compreender, aplicar e vislumbrar a conservação participativa com a comunidade do Ponto de Memória da Estrutural. No percurso, foi necessário dar o passo transdisciplinar e pessoal, ou seja, sair da condição de pesquisador observador para estender o olhar e efetivamente participar do processo. Conforme apresentado nesse artigo, a pesquisa não cabe na observação do lado de fora. É necessário nos despirmos dos preconceitos da academia e efetivamente fazer a escuta do outro, junto com o outro. Isso posto, foi preciso compreender esse passo transdisciplinar, pessoal e acrescentar o estudo da biofilia para alcançar uma museologia biófila, conforme preconizado por Chagas: “Uma museologia que não serve para a vida, não serve para nada”.

¹¹ Exposição “Movimentos da estrutural”. Disponível em: <http://360.movimentosdaestrutural.unb.br/>

REFERÊNCIAS

BONO, Edward de. **De Bono's Thinking Course**. BBC Books. 1995, pp. 80-81.

CARVALHO, Silmara Küster de Paula. **Museologia Biófila: o Ponto de Memória da Estrutural**, Distrito Federal, Brasil (2011-2019). Tese (Doutorado em Museologia) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, 2020.

CHAGAS, Mario de Souza; GOUVEIA, Inês. Museologia social: Reflexões e práticas (à guisa de apresentação). **Cadernos do CEOM**, Chapecó, Santa Catarina, v. 27, n. 41, 2014, pp. 9-22.

DELORS, Jacques. **Educação: Um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI (6 d.). São Paulo: Cortez. 2001.

MOUTINHO, Mário Canova. Definição Evolutiva de Sociomuseologia: proposta para reflexão. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, Santa Catarina, v. 27, n. 41, 2014, pp.1-3.

MORIN, Edgar. **Fronteiras do Pensamento**. UFRGS. 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/104866>. Acesso em: 21 ago. 2025.

MUÑOZ-VIÑAS, Salvador. Contemporary theory of conservation. **Journal Contemporary Theory of Conservation**, Estados Unidos. 2012, v. 47. p. 2, 25-34. Disponível em: https://ia800106.us.archive.org/0/items/ContemporaryTheoryOfConservation_201711/Contemporary%20Theory%20of%20Conservation.pdf. Acesso em: 10 ago. 2025.

SULLY, Dean. **Decolonising Conservation: Caring for maori meeting Houses outside New Zealand**. California, USA: Left Coast Press; Walnut Creek. 2007, p. 32.

SULLY, Dean. (2013). **Teoria e Prática da Conservação: Materiais, Valores e Pessoas na Conservação do Patrimônio** in Hewritage Conservation. 2013, p. 2. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/9781118829059.wbihms988>. Acesso em: 10 ago. 2025.

M, Rodrigues da Cruz (1993). **Museu Reflexões**. Curitiba, PR: Secretaria de Estado da Cultura.1993. pp. 4-23.

Estrutural Ponto de Memória, P. (Maio de 2011). **Movimentos da estrutural: Luta, Resistência e Conquista**. Estrutural, DF, Brasil.

VARINE, H. de B. O museu comunitário como processo continuado. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, Santa Catarina, v. 27, n.(41)., 2014,. pp. 25-35.

WONG, W. H. (n. d.). Participatory Heritage Conservation and Sustainable Development. 2018, p. 3. Disponível em: https://www.academia.edu/37594632/Participatory_Heritage_Conservation_and_Sustainable_Development. Acesso em: 15 ago. 2025

ⁱ Doutora em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) - Lisboa (2020); Mestre em Tecnologia e Desenvolvimento pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2005); Especialista em Conservação de Obras em Papel pela Universidade Federal do Paraná (1999); Especialista em Fundamentos Estéticos para a Arte Educação pela Faculdade de Artes do Paraná (1992); Licenciada em Desenho pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (1990); Licenciada em Artes Plásticas pela Faculdade de Educação Musical do Paraná (1989). E-mail: kuster_museu@yahoo.com.br